

As mediações que estruturam as práticas sociais dos assistentes sociais

María José Lemos *

RELETRAN é um espaço social entre as universidades e as organizações sociais civis, com suas práticas sociais reflexionadas sob um denominador comum: a comunidade com suas diversidades econômicas, culturais, sociais e políticas. A concepção Ontológica do Ser Social se assenta na determinação da relação do homem-natureza – para arrancar as potencialidades naturais a seu serviço para conduzir o autodesenvolvimento da espécie. A angústia de não construir-se como um sujeito social provoca um sentimento de estar perdido e dificulta uma construção coletiva pela qual se dá a dinâmica societária e as transformações sociais. As relações tornaram-se inseparáveis do valor, as implicações são silenciadas, por vias de forma não prevista, onde os atributos de algo material são privilegiados, em detrimento das relações sociais. A base para sustentação, nesta perspectiva, é a arte pelo poder de cativar e pela possibilidade de formar opinião, de acordo com o objetivo para o qual é direcionada: superação da ordem e das relações de exploração vigentes, voltada para a emancipação dos sujeitos para a construção de uma hegemonia e para a formação de indivíduos mais críticos e conscientes

Palabras Clave: Trabalho social, Estado do capital, práticas sociais transnacional

RELETRAN is a social space among universities and social organizations, whose approach to social practice recognizes one common denominator: community and its economic, cultural, social and political diversities. The ontological conception of social being is supported by determination of the human-nature relationship, so it can take advantage of natural potentialities and lead the self-development of the specie. The anguish over the impossibility to construct one self as a social subject provokes a feeling of being lost and turns difficult a collective construction of social dynamics and transformation. Today, as social relationships have been overthrown by the primacy of materialistic value, our concern is to support the communitarian approach on its power to form opinion according to its goal: overcome existing exploitation order and aim to subjects' emancipation.

Keywords: Social work, capital state, transnational social practice

Introdução

Este texto pretende discutir as mediações que estruturam as práticas sociais dos assistentes sociais e os caminhos teórico-metodológicos para o fazer profissional que contempla um compromisso ético político com os segmentos em situação de pobreza e exclusão social, econômica, política e sem acesso a serviços básicos, para os países latino- americanos que compõem a Rede Latina Americana - Europeia de Trabalho Social Transnacional – RELETRAN.

Assistente Social, Mestre em Administração em Saúde Pública, pelo Instituto Superior de Ciências Médicas de Havana (CUBA) título revalidado pelo Instituto de Saúde Coletiva da UFB e representante da FUNEDI no projeto RELETRAN.



O RELETRAN é um espaço social entre as universidades e as organizações sociais civis, com suas práticas sociais originadas em cada localidade e que se estende em nível de uma rede latino-americana europeia de trabalho social. É uma rede, na qual prevalece, não só o discurso sobre a prática e a teoria das diferentes disciplinas científicas e acadêmicas que sustentam os trabalhos locais e regionais que são reflexionadas sob um denominador comum: a comunidade num contexto transnacional, com suas diversidades econômicas, culturais, sociais e políticas.

O nexa temático do RELETRAN aponta diretamente para promoção e melhoramento da Educação Superior na América Latina no âmbito do Trabalho Social para contribuir para com o fortalecimento da sociedade civil e a coesão social dos países da América. Com ênfase na inclusão social dos mais pobres, marginalizados, na igualdade de gêneros, nos direitos humanos e acesso universal à educação. Ao focar sua proposta num programa de formação a nível regional (América Latina) o projeto propõe contribuir com a colaboração e o intercâmbio entre as universidades e assim fomentar a integração regional definida no objetivo do documento de Programação Regional para América Latina 2007/2013 da Comissão Europeia.

Segundo a Comissão Econômica para América Latina, todos os países participantes do projeto apresentam um nível de desigualdade muito superior a outras regiões com um coeficiente de GIMI pro médio 0.53 (CEPAL 2009/2010), com 33% da população em estado de pobreza e 12,9% em extrema pobreza e indigência.

Dar conta dessa tarefa é um grande desafio, sobretudo quando a proposta é criar metodologias e instrumentos para trabalho social, com o objetivo de dar transparências aos valores atinentes ao gênero humano com suas diversidades culturais, étnicas, políticas em que se tornam cada vez mais opacos no universo da mercantilização, do culto do individualismo e do consumismo.

A proposta exige precisão e responsabilidade no referencial teórico e metodológico. O projeto tem que ser factível, à concepção de mundo. A vida cotidiana tem que ser apreciada como pontos centrais para iluminar a leitura dessa realidade, onde vivenciamos relações sociais individualistas, inseguras e fragmentadas, numa lógica neoliberal em que o valor maior é o “*self mad mem*” – (faça você por você mesmo). Os sistemas de comunicação, um dos principais motores da máquina social, aceleram o tempo e reduzem o espaço. O excesso de imagens e informações em tempo real afeta a vida e a cultura. Os sujeitos têm dificuldades de adaptar e absorver as transformações sociais, econômicas e vivenciam insegurança em relação à projeção de futuro. A insegurança associada a valores individualistas é manifesta por meio de atos violentos que moldam nosso mundo e nossas vidas. Passamos a ter a dimensão do mundo sem sair de casa, o que tem gerado uma dissolução do sujeito histórico pela dificuldade de se localizar. A angústia de não se construir como sujeito individual tem provocado a sensação de estar perdido, e dificulta uma construção coletiva.

Os sistemas de comunicação, um dos principais motores da máquina social, criam redes e mantêm vivas as ideologias. A terceira revolução tecnológica e da informação ampliaram significativamente os seus instrumentos e meios, aceleram o tempo e reduzem os espaços. Imagens e informações em excesso, em tempo real, afetam a vida e a cultura. As pessoas têm dificuldade de adaptar-se e absorver as informações e sentem insegurança em relação à projeção do futuro.

A angústia de não construir-se como um sujeito social provoca um sentimento de estar perdido e dificulta uma construção coletiva pela qual se dá a dinâmica societária e as transformações sociais. A conjuntura atual ainda que dificulte essas ações, dela necessitam. As relações tornaram-se inseparáveis do valor, as implicações são silenciadas, por vias de forma não prevista, onde os atributos de algo material são privilegiados, em detrimento das relações sociais.



A sociedade e o Estado do capital

A sociedade é uma sociedade de aparências, a mistificação das relações sociais torna-se o domínio efetivo da mídia burguesa e da lógica do projeto neoliberal. Qualquer transformação no mundo da produção que poderiam ser utilizados para contribuir para a emancipação do ser social não é o caso, uma vez que apenas uma minoria desfruta dos benesses produzidos.

A sociedade capitalista madura, conceituada como acumulação flexível, gera um conjunto de desigualdades sociais, que tem uma raiz comum na produção social coletiva, onde o trabalho é amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privado, monopolizado pelo capital. A contradição fundamental está na sua contra face, que faz crescer a distância entre concentração/acumulação de capital e a produção crescente da miséria, da pauperização, da insegurança que atinge a maioria da população, inclusive de países desenvolvidos (Iamamoto, 2005).

Na luta pela manutenção do lucro, os capitalistas exploram todo tipo de possibilidades. A cada momento abrem-se novas linhas de produtos o que significa a criação de novos desejos e necessidades. Redobram os esforços para criar novas necessidades nos outros, enfatizando o cultivo de apetites imaginários, a fantasia, o capricho e o impulso.

Para Harvey (2011), o resultado é a exacerbação da insegurança e da instabilidade, na medida em que massa de trabalho vai sendo transferida entre linhas de produção, deixando setores inteiros devastados, enquanto o fluxo perpétuo de desejos, gostos e necessidades do consumidor se torna o foco permanente de incerteza e luta. A relocação para locais mais vantajosos de mercados, fontes de matéria prima e força de trabalho provocam e revolucionam a divisão territorial e internacional do

trabalho - é o movimento geográfico do capital e do trabalho - para operar o lucro e produção acrescentados à insegurança uma dimensão geográfica vital.

A transformação resultante desse movimento do espaço e do lugar é acompanhada por revoluções na dimensão do tempo, na medida em que os capitalistas tentam reduzir o tempo de giro do seu capital a um “pisar de olhos”. “Em resumo, o capitalismo é um sistema social que internaliza regras que garantem uma força permanentemente revolucionária disruptiva em sua própria história mundial”. Se, portanto “a única coisa segura sobre a modernidade é a insegurança”, não é difícil ver de onde vem essa insegurança (Harvey, 2011, p. 130).

Como pensar instrumentos, estratégias e ou ferramentas para trabalhar este complexo processo gerado da contradição fundamental entre o trabalho e capital e da apropriação privada das atividades, das condições e dos frutos do trabalho?

O Estado é uma entidade territorial. Ele tem que enfrentar em sua fronteira as forças divisivas e os efeitos fragmentadores do individualismo disseminado da mudança social rápida e de toda a efemeridade que está associada à circulação e às estratégias do capital. O Estado deve legitimar-se, criar um sentido de comunidade, formular uma definição dos interesses públicos acima dos interesses e lutas de classes e setores contidos nas suas fronteiras.

O Estado é disciplinado por forças internas e por condições externas, por conseguinte, a relação entre o desenvolvimento capitalista e o Estado tem que ser vista como mutuamente determinante, o seu poder não pode ser mais nem menos estável do que o permite a economia política da

“Na contra face, as revoluções tecnológicas possibilitadas pela divisão de trabalho e pela ascensão das ciências materialistas tiveram o efeito de desmistificar os processos de produção e liberar a sociedade da escassez e dos aspectos mais opressivos da necessidade imposta pela natureza, apropriadamente chamado de “mistérios” e “artes” no pré-modernismo.”



modernidade (Harvey, 2011, p.110). Ele é constituído como um sistema coercitivo de autoridade que detém o monopólio da violência institucionalizada forma um segundo princípio organizador por meio do qual a classe dominante pode tentar impor sua vontade, não somente aos seus oponentes, mas também ao fluxo, à mudança e à incerteza anárquica a que a modernidade capitalista sempre está exposta.

A herança civilizatória do capital é um estágio social, onde a natureza e o ser humano é um mero objeto utilitário. Ele destrói tudo e revoluciona constantemente, fazendo ruir por terra todas as barreiras que impedem as forças produtivas, a expansão das necessidades, o desenvolvimento total da produção e a exploração e o intercâmbio de forças naturais e mentais.

Na contra face, as revoluções tecnológicas possibilitadas pela divisão de trabalho e pela ascensão das ciências materialistas tiveram o efeito de desmistificar os processos de produção e liberar a sociedade da escassez e dos aspectos mais opressivos da necessidade imposta pela natureza, apropriadamente chamado de “mistérios” e “artes” no pré-modernismo. Segundo Harvey (2011), é quando o capitalismo “levanta o véu” dos mistérios da produção, criando novos desejos, novas necessidades, e novas possibilidades culturais, reduzindo as barreiras espaciais, para novos panoramas para o desenvolvimento e actorialização humanos. Esse foi o lado bom do capitalismo moderno. A variação do trabalho, fluência de função, mobilidade universal do trabalhador exigida pela indústria moderna tem um potencial de substituir o trabalhador fragmentado, pelo indivíduo plenamente desenvolvido, apto para uma variedade de trabalhos, pronto para enfrentar qualquer mudança que dão livre curso aos seus poderes naturais e adquiridos.

Marx descreve todos esses processos que agem no capitalismo para promover o individualismo, alienação, a fragmentação, efemeridade, a destruição criativa, o desenvolvimento especulativo, mudanças de métodos de produção de consumo, mudanças de tempo e espaço. Essas condições formam o contexto material a partir do qual os profissionais do Serviço Social forjam sua sensibilidade, seus princípios

para compreender a matéria prima ou objeto, sobre o qual incide suas ações e sua prática profissional.

O Ser Social, o Serviço Social e a Arte.

A concepção Ontológica do Ser Social tem como traço fundamental o trabalho com as categorias, que se configuram como estruturas que a razão extraiu do real, reproduzindo mentalmente o que realmente existe captado como representações na consciência. A base de sustentação, nesta perspectiva, se assenta na determinação da relação do homem-natureza – para arrancar as potencialidades naturais a seu serviço para conduzir a autodesenvolvimento da espécie. (Pontes, 2011).

As mediações que estruturam o processo de reconstrução do objeto de intervenção do profissional do Serviço Social têm seus fundamentos teóricos metodológicos na ontologia do ser social de Marx. Seus enunciados concretos sempre se colocam em face de um ser observado e enunciado no próprio momento das categorias ontológicas, que estrutura o real. A ontologia de Marx volta-se primordialmente para os processos de produção e reproduções da vida humana. Sua base de sustentação se assenta na determinação da relação do homem com a natureza e o trabalho, que nesta perspectiva assume o papel da existência humana. É no trabalho que o homem tributa a razão de seu ser social, por este ele propicia o desenvolvimento de suas potencialidades naturais a seu serviço e ao desenvolvimento da espécie (Pontes, 2011).

O método dialético é o componente medular da categoria mediação. A concepção dialética se caracteriza primordialmente pela totalidade entendida na visão de Lucáks (1975) como um complexo constituído de complexos subordinados, onde cada parte desse complexo se constitui num outro complexo que se articula aos demais por múltiplas mediações. A forma de apreensão de ser desses complexos se processa através de aproximações sucessivas, que no dizer de Marx é a síntese de muitas determinações.



Este processo de conhecimento da realidade social obedece ao movimento que ascende do abstrato ao concreto, combinando dialeticamente experimentos ideais abstratos com observações empíricas – é o movimento que a razão opera para apreender reflexivamente o movimento das categorias histórico- sociais, desentrenhando-as de sua forma imediata de aparecer no real, na forma de fatos isolados. A razão capta as determinações e as mediações por meio de observações empíricas e terminando a esses fatos uma nova inteligibilidade histórica estrutural.

Essa estrutura sócio estrutural é a real no ser social, está em permanente movimento impulsionada por uma tensão entre o positivo que trabalha na manutenção e reprodução dos complexos e o negativo que atua na desestruturação e negação dos complexos. Movimento este, de tensão e de correlação de forças que se responsabilizam pela totalidade de seus complexos, onde reside a chave para compreender o processo do conhecimento da realidade. que depois de particularizada em cada complexo assumiu um caráter universal para o ser social. A universalidade é o plano onde residem as determinações e as leis de uma dada formação social, emerge quando uma característica se revela comum a um grande número de seres e a uma totalidade de fenômenos.

Ao fazermos um resgate ontológico dos atributos do ser social, resgatamos a própria essência e o sentido da vida emerge de um emaranhado de descaminhos que a sociedade burguesa incorpora para sufocar ou desumanizar a próprio ser. Resgatar a singularidade do ser social, que se insere como parte de um contexto universal, mediado pelo trabalho transformador que contenha a sua própria imagem, a sua vida, é resgatar o indivíduo para si mesmo.

A categoria mediação é reflexiva, ela pensa sobre a demanda que aparece, construindo e reconstruindo o seu objeto de trabalho, para criar os mecanismos de intervenção profissional, os instrumentos, e finalidade da intervenção; é objetiva, tem que estar presente em qualquer realidade, independente do sujeito; é intelectual, tem que

construir-se intelectivamente, para reconstruir e compreender o movimento do objeto.

A instrumentalidade, segundo Guerra (1995), constitui-se numa condição concreta de reconhecimento social, uma vez que possibilita o atendimento das demandas e o alcance de objetivos. O labor humano desenvolve capacidades capazes de mediar sua relação com outros homens. Tal mediação refere-se à consciência, à linguagem, ao intercâmbio, ao conhecimento, em nível de reprodução do ser social como ser histórico.

Pela instrumentalidade os homens monitoram a natureza e convergem os objetos naturais em meios para o alcance de suas finalidades. Tal instrumentalidade é transposta para as relações humanas entre si, interferindo em nível de reprodução social, ocorrendo somente em condições sócio-históricas determinadas. Por outro lado, na sociedade capitalista o trabalhador deixa de lado suas necessidades, sua vida cotidiana, enquanto pessoa humana e torna-se verdadeiro instrumento para a execução das necessidades da relação capital/trabalho.

O homem, desde os primórdios, transforma elementos da natureza em figuras, ou em símbolos representativos que expressam sua vida, seus costumes, enfim, seu cotidiano de forma a construir sua história. Mas a sociedade burguesa impõe uma tendência à uniformização de gostos e preferências, e assim o ser social vai perdendo sua ontologia, para se transformar em mercadoria de agrado das elites.

A vida cotidiana é o ponto de partida e de chegada para a representação dessas necessidades. Ela provém da necessidade do homem de objetivar-se e ir além de seus limites habituais, com isso a vida social, o comportamento, as ações humanas são permanentemente enriquecidas e é para ela que retornam os produtos de suas objetivações. Este reflexo, próprio da vida cotidiana, pressupõe que os homens intuitivamente, percebem que o mundo exterior existe, de modo independente de sua consciência. Mas o conhecimento das coisas, às vezes, fica bloqueado por outra característica da cotidianidade: as tramas e as aparências manipuláveis das coisas.



O Serviço Social na sua trajetória histórica de lutas para romper com a pluralidade de objetos e objetivos que a profissão teve de conviver vem procurando aprimorar formas interventivas, que atendam os requisitos internos da profissão. Na articulação e interlocução com os conhecimentos próprios da profissão e dos saberes das outras ciências, ele articula mediações para uma ação específica, e termina por revelar riquezas escondidas sob a aparente pobreza do cotidiano, descobre a profundidade sobre a trivialidade e atinge o extraordinário do ordinário.

Na concepção de Gramsci (1999), o intelectual orgânico é aquele que dá homogeneidade e consciência ao grupo ao qual se vincula, devendo para isso possuir certa capacidade dirigente e técnica, ser um organizador de massa. Ele apresenta duas dimensões de homens o “homem -massa” – aquele que possui consciência fragmentada, que não entende o significado de sua própria ação e, conseqüentemente, não age de modo coerente e o “homem consciente”, que conhece a si mesmo e entende o significado de seus atos, transformando a si e aos outros, que estão envolvidos em seu grupo social, cuja ação se volta contra a aceitação passiva do que é determinado pela classe dominante.

Para Yasbeck (1984), a ação dos assistentes sociais é parte tanto do processo de reprodução dos interesses de preservação do capital, quanto das respostas às necessidades de sobrevivência dos que vivem do trabalho. Não se trata de uma dicotomia, mas de um profissional que não pode excluir essa polarização de sua prática, à medida que as classes sociais e seus interesses só existem na relação essencialmente contraditória, que permite a reprodução e a continuidade da sociedade de classes, com seus valores intrínsecos e conhecidos, cria as condições para sua transformação e a sua instrumentalidade.

A instrumentalidade do Serviço Social, constitui um elo de articulação onde as racionalidades se baseiam, expressando as ações dos sujeitos, permitindo a fluidez das teorias e das práticas, campos onde a profissão consolida a sua natureza e se materializa permitindo a união das dimensões instrumental, técnica, política, pedagógica e intelectual da

“Resgatar a singularidade do ser social, que se insere como parte de um contexto universal, mediado pelo trabalho transformador que contenha a sua própria imagem, a sua vida, é resgatar o indivíduo para si mesmo.

intervenção. A instrumentalidade possibilita que os processos e práticas sejam traduzidos em ações técnicas e politicamente coerentes.

As possibilidades estão dadas na realidade, mas não são automaticamente transformadas em alternativas profissionais. Os assistentes sociais estão sempre em contato com várias realidades, que se apresentam no plano da singularidade, na forma de situações problemáticas isoladas, de tipo individual, familiar, grupal e ou comunitárias. Essas realidades aparecem ao intelecto dos profissionais, numa dada inserção espacial (institucional, territorial) ligada à imediatividade, revestidas de aparências, despidas de mediações, portanto necessita ser desvendada para ultrapassar o domínio da facticidade para configurar uma rede de medições e assim dar sentido à estrutura e às determinações dos fatos que constroem historicamente a relação.

O exercício cotidiano tem ampliado as possibilidades de vislumbrar novas alternativas de trabalho, provocando alterações significativas na vida em sociedade. E ao buscar alternativas eficientes e eficazes para o fazer profissional, de forma a ter uma concepção da realidade e dos sujeitos -sociais que a constituem e por ela são constituídos como unidade dialética, pressupõe um novo olhar, um novo tratar, utilizando-se de instrumentais eficientes que respondam às demandas atuais.

Analisar em conjunto com os sujeitos a realidade da qual somos parte, já constitui um processo interventivo. O resultado do conhecimento desta realidade dá visibilidade e significado, às formas de alienação, às refrações da questão social na vida cotidiana, à compreensão da vida social dos sujeitos em suas lutas contra-hegemônicas, cul-



turais e dão consistência às mediações que se pretendem construir. Os objetivos ganham sentido operacional para compreender as demandas pessoais e psicossociais. Segundo Prates (1998, p.2) “somente a partir de uma análise conjunta podemos ressignificar espaços, pensar coletivamente, em alternativas, dar visibilidade às fragilidades para tentar superá-la, desvendar bloqueios, processos de alienação, revigorar energias, vínculos, potencial organizativo, reconhecer espaços de pertencimento”. Quando um problema passa a ser, também, comum a vários segmentos sociais genericamente articulados por uma dada força relacional, ganhando por aproximações sucessivas concretude nos entrecruzamentos dos complexos sociais, podem ser categorizadas, com seus determinantes sociais, permitindo a reconstrução do objeto intervencional.

Martinelli (2003) diz que para conhecer o modo de vida temos que conhecer as pessoas no discurso e na ação, que pressupõe o conhecimento de sua experiência social e que os instrumentos e técnicas são na verdade estratégias sobre as quais se faz a opção, de acordo, com o contexto e o conteúdo a ser medido para se chegar a uma finalidade. Quanto maior nosso conhecimento teórico metodológico mais amplo será nossa cadeia de mediações, maiores nossas possibilidades de construí-las. Ela explica que todas as ações humanas são multifacéticas e multiformes, assim como os problemas são multidimensionais. O ser social é parte de uma totalidade, sua prática social retrata seu mundo interior, expressa a unidade de sua consciência. Portanto implica em conhecer suas histórias, sua vida material social e sua realidade para obter uma compreensão adequada do fenômeno.

Ao refletir sobre o modo de vida e o sentido da vida numa sociedade gerida pelo interesse do capital, que transforma tudo em mercadoria, inclusive a vida humana, questionamos: como desamarrar esse ser ontológico das entranhas da alienação, provocada por uma sociedade e um meio alienante, resgatar essa consciência de si, como trazer este ser ontológico a uma reflexão maior dentro de sua própria coletividade como categoria?

Lucáks (1975) observa que cada coisa deixou de valer em virtude do valor intrínseco, tudo tem valor como mercadoria vendável num sistema de relações, que cessa a autonomia da livre criação e a possibilidade de cultura. O homem vai perdendo assim sua identidade de imprimir sua vontade no seu projeto para a necessidade do fazer capital. Segundo o filósofo, na tentativa de compreender essas relações, na confluência do que é subjetiva, a arte pode trazer alternativas para uma intervenção eficaz e, analisar, mesmo que pontualmente, algumas questões do ser social que estão submersas na sua vida cotidiana. Ele defende que ela contém tanto o enfrentamento das dificuldades da consciência diante do real, como a capacidade de transformar a realidade pela característica marcadamente motriz da história. Aquilo que o ser experimenta no âmago de si, e que muitas vezes, é oprimido pela sociedade do capital, encontra na arte recursos para se expressar. A arte com toda sua força afirmativa operam como poder libertador do negativo e ajuda a libertar o inconsciente e o consciente mutilado.

A arte é qualificada como uma das formas de consciência social, ou seja, através da arte os homens tomam consciência das transformações da base econômica e das alterações que eles promovem na superestrutura da sociedade. A arte não se coloca acima das relações sociais. Ela é inerente a essas relações. É um componente da superestrutura que pode contribuir para distintas funções e utilidades explorando o potencial humano e cultural para provocar a transformação no cenário da vida social.

Ela traz subsídios para que os profissionais estabeleçam um diálogo investigativo e reflexivo para compreender o cotidiano do ser social e de uma comunidade. Os projetos interventivos, programas culturais, políticas culturais, oficinas de lazer, cursos de educação artística e cultural proporcionam uma visão singular e universal de toda uma complexidade social, propicia um maior entrosamento em um grupo ou comunidade, preserva a cultura, traz uma visão crítica real do mundo, e por que não dizer do próprio indivíduo singular. Esse movimento de projetos e programas, com métodos renovados de ensino das artes nos espaços educativos, vem se solidificando, e se harmonizam plenamente com as possibili-



dades de contribuir com um instrumento e estabelecendo a arte/cultura como mediadora dos saberes da educação e no social.

Porem há uma intensificação dentro da sociedade do capital em transformar toda atividade cultural em uma cultura de massa reprodutiva e repetitiva produzida em escala industrial, comercializada e elitizada com fins lucrativos, para uma massa de consumidores. Sob esses efeitos o trabalho da criação torna-se efêmeros eventos para o consumo e a finalidade fica obscura num mundo manipulador de consciências.

Na sociedade burguesa, o capital destrói e revoluciona tudo, fazendo quebrar todas as barreiras para incentivar o desenvolvimento das forças produtivas, a expansão das necessidades, da produção e da exploração em cima das forças naturais e mentais, onde a natureza e os seres humanos são uns meros objetos utilitários. A produção humana passa a ter um valor unicamente mercadológico, à medida que elimina sua autonomia e sua possibilidade de cultura. A arte como atividade humana é social e cultural, ou seja, está intrinsecamente associada à dinâmica social e cultural. A expressão artística é um patrimônio do ser social, ela é um fator mediativo entre o ser social e o universo no qual se insere, ela estabelece uma relação entre o imediato e o mediato.

A imediaticidade é produto histórico e para quebrá-la “existe isso que se chama arte”. Esse poder adere em todas as suas manifestações. Aristóteles, segundo Kangusu (2010) ressalva que o poder catártico da arte resume a sua dupla função: opor e reconciliar. Daí a ambivalência internadas nas obras, elas negam criticamente o que existe e cancela essa negação através da forma estética, produzindo uma espécie de “justiça poética”. Este caráter da arte levou Marcuse a questionar: “É possível escrever poesia depois de Auschwitz”? O filósofo responde a essa pergunta com outra: quando o horror da realidade tende a tornar-se total, onde mais a imaginação radical e a recusa à realidade poderiam encontrar lugar?

...o indivíduo frui a beleza a bondade, o brilho e a paz, alegria vitoriosa, até mesmo a dor e sofrimento,

a crueldade e o crime. Vivencia uma libertação. Compreende e encontra compreensão, resposta a seu instinto e demandas. Ocorre um rompimento de reificação [...] O mundo reaparece como aquilo que é por trás da forma mercadoria (Marcuse, 1965, p.119; Kangusu, 2010, p. 209).

A Fundação Educacional de Divinópolis – FUNEDI e o projeto Arte e Fazendo - compreendem a arte como uma ferramenta prática operacional articulada dimensão ontológica reflexiva, que pode estabelecer uma rede de mediações e articulações intelectivas do conhecimento com razão, incluindo o desenvolvimento de habilidades formais, éticas e políticas para agir sobre a realidade em questão e cumprir a proposta do RELETRAN.

O Projeto *Fazendo Arte* como política pública de cultura no município é um projeto da rede sócioassistencial local, que subsidia ações sociais para elevar o padrão de qualidade de vida de crianças e adolescentes e seus familiares, devidamente matriculados na rede pública municipal. Esta rede sócioassistencial se caracteriza por um conjunto integrado de ações sociais, de iniciativa pública e da sociedade civil, que promove e efetiva programas, projetos e serviços para superar as vitimizações, vulnerabilidades e riscos que os indivíduos e suas famílias enfrentam no curso de suas vidas.

O perfil inicial do público do projeto é composto por crianças e jovens em vulnerabilidade social, que têm características similares e / ou dificuldades como talento, falta de interesse nas atividades escolares, indiferença ao colega de trabalho, socialização e dificuldade de concentração.

A arte potencializa a experiência sensível, intensifica as emoções a ponto de impedir a descoberta da natureza do sensível como imagem imperfeita da forma, ou seja, impedir que sua deficiência seja exposta. A arte oculta a deficiência do sensível. [...] Tornando-o auto--suficiente. (Muniz, 2010, p. 33).



Segundo Castells (2008), essas acepções encerram diversificadas expressões, com contornos pertinentes a cada cultura, bem como às fontes históricas da formação de cada identidade. Elas incluem e incorporam movimentos de tendências ativas voltados à transformação das relações humanas em seu nível mais básico, que cavam suas trincheiras nas categorias fundamentais da existência humana milenar ora ameaçada pelo ataque combinado e contraditório das forças técnico-econômicas e movimentos sociais transformacionais.

Considerações Finais

Em meio às manifestações da questão social se faz necessário pensar a sociedade aos elementos políticos e culturais que se inserem na luta pela hegemonia. Na proposta do projeto RELETRAN de elaborar metodologias de práticas sociais transnacional para a Europa e América, cabe de maneira precisa, ressaltar como aparelho de hegemonia a arte, haja vista, a interpretação que pode ser feita do seu poder de cativar e a possibilidade de formar opinião, de acordo com o objetivo para o qual é direcionada: a superação da ordem e das relações de exploração vigentes, voltada para a emancipação dos sujeitos para a construção de uma hegemonia, para a formação de indivíduos mais críticos e conscientes.

A arte é qualificada como uma das formas de consciência social, ou seja, através da arte os homens tomam consciência das transformações da base econômica e das alterações que eles promovem na superestrutura da sociedade. A arte não se coloca acima das relações sociais. Ela é inerente a essas relações.

É um componente da superestrutura que pode contribuir para distintas funções e utilidades explorando o potencial humano e cultural para provocar a transformação que se faz necessária para que o ser ontológico tome consciência de sua liberdade de criar e de desamarrar das

entranhas suas limitações provocadas por uma sociedade alienante e um meio onde o capital o faz vítima de suas entranhas.

Ao fazer um resgate ontológico dos tributos do ser social, resgatamos a própria essência e o sentido da vida que emerge de um emaranhado de descaminhos que a sociedade burguesa incorpora para sufocar e desumanizar a humanidade.

As bases teóricas que fundamentam o trabalho dos assistentes sociais tratam a prática profissional como um trabalho, tomada na acepção ontológica marxista, fundante do ser social, como categoria estruturante das relações entre os homens e a natureza e deles entre si. A instrumentalidade do Serviço Social não se limita a ativação de ações instrumentais e ao exercício de atividades imediatas, suas teorias se sustentam nos princípios da construção do ser social, para isto é premente incorporar saberes, valores práticas e instrumentos de mudança social que funcionem como mecanismos de enfrentamento da questão social criando parâmetros para uma nova forma de viver em sociedade.



Bibliografia

- Castells, M. (2008). O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. v.2. São Paulo: Paz e Terra.
- Harvey, David (2011). [http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, 21ª ed. São Paulo: Loyola.](http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=A%20condi%7Ao%20p%20moderna%3A%20uma%20pesquisa%20sobre%20as%20origens%20da%20mudanca%20cultural%2C%2021%20ed.%20S%20Paulo%3A%20Loyola.)
- Iamamoto, Marilda V. (2010). [http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 19ª ed. São Paulo: Cortez.](http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=http://www.funedi.edu.br/infoisis/infoisisnet.exe/pesq?AUTOR=&BASEISIS=1&FROM=1&COUNT=50&FORMAT=&PAGINAORIGEM=&SITE=O%20servi%7Co%20social%20na%20contemporaneidade%3A%20trabalho%20e%20forma%7C%7Ao%20profissional.%2019%20ed.%20S%20Paulo%3A%20Cortez.)
- Guerra, Y. (1995). A Instrumentalidade do Serviço Social. São Paulo: Cortez.
- Kangussu, I. Org. LOBO, H, R. (2010). Os Filósofos e Arte. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lukács, G. (1979). Ontologia do Ser Social. Os princípios Ontológicos de Marx. Trad. Carlos N. Coutinho, São Paulo: Ciências Humanas.
- Marcuse, H. (1981). A Dimensão da Estética. Trad. Maria Elisabete Costa. Lisboa: Ed. 70.
- Martinelli, Maria Lúcia (2003). Serviço Social e alienação. 8ª ed. São Paulo: Cortez.
- Muniz, F. (2010). Os Filósofos e a Arte. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pontes, Reinaldo Nobre (2011). Mediação e Serviço Social. 7ª Ed. São Paulo:Cortez.
- Prates, Jane Cruz (1998). A questão dos instrumentais técnicos operativos numa perspectiva dialética crítica de inspiração marxiana. Porto Alegre, 1998tões instrumentais. Disponível in <http://www.pucrs.br/textos/anteriores/ano2/marxiana.pdf>.
- Yasbek, Maria Carmelita (1984). "Org. Projeto de revisão curricular da Faculdade de Serviço Social da PUC". In: Serviço Social e Sociedade. Nº. 14, São Paulo.

